









COMPANHIA DAS LETRAS

JOÃO TORDO  
AS TRÊS VIDAS







*À minha família*  
*À memória de José Saramago (1922-2010)*



É curioso que as pessoas usem a expressão «vida e morte».  
A morte não é o contrário da vida, mas sim do nascimento.  
A vida não tem contrário.  
*Sete Palmos de Terra*

\* \* \*

*Life is wasted on the living.*  
DOUGLAS ADAMS

# ÍNDICE

## **PRIMEIRA PARTE**

UM INÍCIO	17
ARTUR E O CONTRATO	21
A QUINTA DO TEMPO	27
OS FICHEIROS	38
CAMILA, GUSTAVO E NINA	46
O PRIMEIRO ENCONTRO	56
O CORCUNDA. UM CONVITE INESPERADO	69
UMA NOITE FORA DA QUINTA	77
NOVEMBRO	91
UM CITROËN NA VALETA	106
O RAPAZ QUE NUNCA CRESCEU	118
DOIS E DOIS SÃO CINCO	128
ASSISTENTE DE FUNÂMBULO	139
O PRIMEIRO INCIDENTE	146
UM ATAQUE EM LISBOA	151
A ADEGA	165
O PEQUENO IRLANDÊS	173
AS SUSPEITAS	181
CASTIGO E CRIME	192
O ENTERRO	204
A PARTIDA	208

LISBOA REVISITADA	220
A EXPERIÊNCIA	229
A VIAGEM	246
NOVA IORQUE, NOVA IORQUE	250
COMUNISTAS E FASCISTAS	264
MÃOS À OBRA	272
ESPIÕES	284
A LIGA DA JUSTIÇA JUDAICA	293
UM NOVO COMEÇO	309
O ENIGMA DESVENDADO	320
ADRIANA	329
AS TRÊS VIDAS	340

#### **SEGUNDA PARTE**

SETE ANOS	363
VERÃO INDIANO	370
O FANTASMA DE BARCLAY STREET	376
PESADELLOS	384
A RAPARIGA DO GORRO VERMELHO	390
ESPERANÇA E TEMOR	393

#### **TERCEIRA PARTE**

O MUNDO EM RUÍNAS	399
UM DOLOROSO REENCONTRO	415
<i>QUID PRO QUO</i>	423
OUTROS CAMINHOS	435
NINA	441

#### **QUARTA PARTE**

O LEILÃO	453
TODOS OS MISTÉRIOS	468



# Primeira parte



## UM INÍCIO

Ainda hoje, sempre que o mundo se apresenta como um espectáculo enfadonho e miserável, sou incapaz de resistir à tentação de relembrar o tempo em que, por força da necessidade, fui obrigado a aprender a difícil arte do funambulismo. Esses anos, que considero terem sido excepcionais — e, ocasionalmente, marcados por acontecimentos funestos —, deixaram-me num estado de melancolia crónica no qual, embora dele tenha procurado escapar, acabo inevitavelmente por voltar a cair. Esta melancolia, por vezes, resvala para o desespero, mas não vamos por aí; não é altura para, ao contrastar a minha existência actual com aquilo que em tempos foi, me deixar consumir pelo passado. Bastará dizer que não recordo um tempo em que a vida tenha sido particularmente feliz, mas que sou incapaz de esquecer cada hora que passei na companhia de António Augusto Millhouse Pascal.

Há dois anos, uma notícia num jornal dava conta de um leilão em que, entre outros objectos, seriam licitados os documentos encontrados na casa do falecido jardineiro deste homem para quem trabalhei há mais de duas décadas. Quando soube, fiquei imediatamente apreensivo e, ao imaginar as consequências, quase furioso — é inevitável que a pessoa

que arrecadou o lote acabe por remexer nos arquivos que eu compilei e mantive durante aquele ano na Quinta do Tempo e, se os observar com alguma atenção, acabe também por chegar a conclusões que nada têm a ver com aquilo que verdadeiramente aconteceu. Surpreende-me, aliás, que isso ainda não tenha sucedido; que a reputação do meu antigo patrão ainda não tenha sido manchada, o seu nome usado erradamente, em detrimento da verdade.

A ignorância a respeito deste homem impera. Não se pode dizer que essa ocorrência seja estranha, uma vez que, a partir de uma certa altura da sua vida, se relacionou apenas com figuras influentes de uma esfera privada. Os que o conheceram superficialmente e se recordam do seu nome terão dele uma imagem deturpada — por ter escondido a verdadeira natureza da sua obra, poderá um dia ser vítima do escárnio daqueles que preferem amaldiçoar a manifestar incompreensão. Millhouse Pascal, filho de mãe inglesa e pai francês, nascido em Portugal mas errante durante grande parte da sua vida — em Espanha durante a Guerra Civil, na Inglaterra nos tempos de Churchill, vivendo nos Estados Unidos após a queda do nazismo —, parece ter estado em toda a parte e em lado nenhum, uma sombra à margem dos acontecimentos e, contudo, posso assegurar-vos, uma parte determinante destes. Se, nos próximos tempos, surgirem versões rocambolescas acerca das suas actividades, é porque estas ficaram no segredo dos que com ele privaram e que com ele conheceram a dedicação de um asceta; os restantes vão apelidá-lo de *místico*, *excêntrico* e, quem sabe, *burlão*.

Também eu nada sabia sobre ele. A minha juventude, porém, permitiu-me experimentar coisas em que hoje me recusaria a acreditar, se me fossem apenas contadas. Custou-me

o resto da minha patética existência, é certo, mas tive a oportunidade de viver em sua casa e de observar com os meus próprios olhos os seus métodos e a maneira prodigiosa como conseguiu transfigurar a realidade e influenciar — quase poderia dizer *manipular* — os que, ao longo daquele tempo, recorreram aos seus serviços.

Pouco tempo depois do leilão, uma jornalista do *Diário de Notícias* que fazia uma reportagem sobre os casos em aberto da Polícia Judiciária interessou-se pela história oculta deste homem e, através de fontes que não quis desvelar, veio ter comigo, abordando-me à maneira petulante e lisonjeira dos repórteres, defeito de profissão pelo qual não a posso julgar. Agora que o homem está morto, disse-lhe, não vejo qualquer problema em contar-lhe tudo, e assim fiz. Falámos durante três horas, e dei por mim a desbobinar a história dos últimos anos da sua vida que estava, compreendi então, indissociavelmente ligada à minha, à sua família, a Camila, a Gustavo, a Nina, a Artur e à viagem que, em 1982, acabou por selar aquilo de que eu vinha suspeitando havia tanto tempo, isto é, a nossa inaptidão para continuar a viver a vida de todos os dias depois de certas coisas acontecerem. Não me parece que a jornalista — rapariga nova, com a curiosidade dos aprendizes — tenha acreditado na maior parte das coisas que lhe contei. Perguntou-me constantemente se podia apresentar provas mas, como irão descobrir, não foi possível conservar quaisquer documentos desses dias — para além daqueles que se encontram em lugar e mãos desconhecidos — e respondi-lhe que, a ser publicada a história, teria de o fazer de boa-fé. Passaram-se dois anos, comprei o jornal todos os dias, e nem uma linha apareceu sobre o assunto.

Fui compreendendo, no tempo que passou desde a entrevista, que deixar um relato da minha experiência era uma necessidade. O que foi verdade e o que é, inevitavelmente, ficcionado, devido aos limites da memória, não importa; em última análise, a própria realidade é objecto de ficção. O mais importante é libertar-me dos fantasmas, pois acarreto as sombras de todas as coisas a que não tive coragem para pôr fim. Isso reflecte-se, sobretudo, nos meus sonhos: ao contrário da crença habitual, não me parece que os sonhos sejam o espelho dos nossos desejos; cá para mim, acho que são o espelho dos nossos horrores, dos nossos piores medos, da vida que poderíamos ter tido se, numa altura ou noutra, não fôssemos incomensuravelmente cobardes.